

O Mito do Espião: A Construção da Narrativa na Experiência de Guerra (1939-1945)^I

Raquel Anne Lima de Assis^{II}

Resumo: O objetivo deste texto é analisar como a figura do espião se constituiu como um Mito da Experiência de Guerra na construção de uma cultura de guerra. Para tal, trabalharemos com ações empreendidas por duas agências de inteligência e espionagem que atuaram durante a Segunda Guerra Mundial: o *Special Operations Executive* (SOE), da Inglaterra, nascido em 1940, e o norte-americano o *Office Of Strategic Services* (OSS), surgido em 1941. Ou seja, procuraremos entender como agentes secretos a serviço destas duas instituições, no contexto da II Guerra, contribuíram para o processo de construção de uma memória em torno do mito do espião que encontramos em filmes e literaturas. Auxiliando, desta forma, na produção de uma narrativa com fins políticos e culturais utilizados na Guerra Fria para legitimar ações empreendidas na guerra secreta deste período.

Palavras-chave: Espião; Segunda Guerra Mundial; Mito da Experiência de Guerra.

The Myth of the Spy: Construction of Narrative in War Experience (1939-1945)

Abstract: The aim this text is analyze how the figure of the spy it constituted as a Myth of the War Experience in building a culture of war. For such, we work with actions taken by two intelligence and espionage agencies that acted during World War II: the British, the *Special Operations Executive* (SOE), born in 1940, and the North Americans, the o *Office Of Strategic Services* (OSS), emerged in 1941. Therefore, we try to understand how these agents, who acted in II War, have been used to legitimize actions in the context of the Cold War.

Keywords: Spy; World War II; a Myth of the War Experience.

Artigo recebido em 01/11/2016 e aceito em 01/12/2016.

O MITO DO ESPÃO: A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NA EXPERIÊNCIA DE GUERRA (1939-1945)

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

“O fato de que nossos chefes nunca soubessem perfeitamente as verdadeiras intenções do inimigo e, talvez, pior ainda, suas possibilidades materiais, pode ser explicado pela má organização de nossos serviços de informação”.

Marc Bloch (1886-1944), historiador, capitão do exército francês e membro da Resistência, em *A Estranha Derrota* (1940).

O espião ou agente secreto é uma figura que permeia nosso imaginário através de personagens como James Bond, o famoso agente da longa série de filmes *007*. Mas, que não se limita a ficção. Trabalhando infiltrado em território inimigo, camuflado e utilizando dispositivos especiais, como cigarros capazes de produzir chamas de até cinco segundos, e sendo chamado por codinomes para manter o disfarce são algumas das ações para além dos filmes e da literatura. São ações reais e praticadas em tempos de guerra, como ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial. É justamente essa figura, no contexto deste conflito, que nos interessa neste trabalho.

Sendo assim, o objetivo deste texto é analisar como o espião se constitui como um mito da experiência de guerra na construção de uma cultura de guerra. Para tal, trabalharemos com ações empreendidas por duas agências de inteligência e espionagem que atuaram durante a Segunda Guerra Mundial: o *Special Operations Executive* (SOE), da Inglaterra, nascido em 1940, e o norte-americano o *Office Of Strategic Services* (OSS), surgido em 1941. Ou seja, procuraremos entender como agentes secretos a serviço destas duas instituições contribuíram para o processo de construção de uma memória em torno do mito do espião que encontramos em filmes e literaturas.

O espião na Segunda Guerra Mundial

No decorrer do conflito diversos países beligerantes utilizaram dos serviços de inteligência e espionagem para melhor montar suas estratégias. Era o uso da informação para prever ações do inimigo e, assim, conduzir suas forças armadas. Desta forma, entendemos o conceito de inteligência, na perspectiva de John Keegan, como a coleta, interpretação e análise de informações para conhecer o inimigo, suas fragilidades, seus pontos fortes e seus planos. Segundo o autor, para que possua efeito satisfatório é necessário que as informações sejam obtidas em tempo real^{III}. Isto é, é fundamental que haja comunicações rápidas para que as informações cheguem ao teatro de operações a tempo de serem utilizadas nas elaborações das estratégias e táticas.

Uma das formas utilizadas pela inteligência para coletar essas informações e até mesmo desinformar (oferecer informações erradas para enganar o inimigo) é através da espionagem. Conforme Eva Horn, espionagem consiste em operações secretas empreendidas por espiões por meios clandestinos para enganar e conhecer. “É a luta pela vantagem no que é conhecido, um jogo de esconder e descobrir, informação e desinformação”^{IV}. O critério mais importante não é a verdade, tampouco a falsidade, mas a eficácia tática. O conhecimento como arma para obter vantagem estratégica.

Segundo André Luís Wolosyn, a espionagem tem como objetivo transmitir informações sobre o inimigo para proporcionar uma ampla visão da situação, e assim, apontar tendências e elaborar estimativas^V. Os tipos de informações são, por exemplo, comportamento do inimigo, localização de instalações sensíveis, situação econômica do país, capacidade industrial e tendência dos governos nas abordagens de diversas

O MITO DO ESPÃO: A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NA EXPERIÊNCIA DE GUERRA (1939-1945)

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

situações. Para tal empreendimento, ainda conforme o autor, a espionagem é “operacionalizada com a participação de agentes infiltrados ou pessoas recrutadas dentro do próprio serviço secreto, que roubavam documentos confidenciais e faziam relatos pormenorizados dos alvos por meio da observação – memorização e descrição”^{VI}.

É neste cenário que aparece o espião. Na clássica obra de Sun Tzu, *A Arte da Guerra*, o espião é dividido em cinco tipos: espiões locais, são os próprios habitantes do território local; espião interno, são os oficiais do inimigo; espiões convertidos, é utilizar de espiões inimigos presos para seus próprios propósitos; espiões condenados, é fazer certas atividades abertamente com o objetivo de enganar e permitir que esses espiões saibam delas e informem ao inimigo; e espiões sobreviventes, são aqueles que retornam do território inimigo trazendo informações^{VII}.

Tais figuras poderiam ser encontradas em territórios ocupados pela Itália e pela Alemanha, assim como em zonas invadidas pelos japoneses, para a ação dos movimentos de resistência que foi fundamental para dificultar o trabalho do Eixo e possibilitar a vitória final dos Aliados. Para isso, as agências de inteligência britânica e norte-americana procuraram empreender ações de espionagem, sabotagem e propaganda dos Aliados.

Estados Unidos e Inglaterra tiveram, no contexto dos seus respectivos serviços secretos, trajetórias muito semelhantes. Ao contrário das tensões em torno dos seus exércitos nacionais, uma relação de parceria parece ter sido mais rapidamente desenvolvida entre o OSS e o SOE. Evidência desta cooperação pode ser observada no fato de que coube ao pessoal do OSS fornecer suprimentos e inteligência ao SOE em algumas oportunidades.

Ambas as agências empreendiam serviços de espionagem e inteligência para dificultar a ocupação do território pelo inimigo. Essas agências procuravam incentivar a resistência pela própria população local nos países dominados pelo Eixo, instigando ações de sabotagem e propaganda. Os britânicos e os americanos já possuíam, antes da Segunda Guerra Mundial, uma variedade de órgãos de inteligência. Na Inglaterra havia o *Secret Intelligence Service* (SIS) (Serviço Secreto de Inteligência), desde 1909, liderado por um oficial com codinome “C”. Conforme Stephen Bull, “suas atividades já envolviam campos em trabalhos clandestinos. Estes eram o MI5, para a contra inteligência e segurança, e o MI6 para coletar inteligência”^{VIII}, além de setores militares responsáveis também por estes tipos de trabalho e propaganda.

Mas, foi com a crise de Dunquerque^{IX}, em 1940, e pela falha do SIS em uma operação de sabotagem na Suécia em uma instalação portuária de exportação de minério que políticos, burocratas e espiões britânicos perceberam a necessidade de organizar os diversos mecanismos de sabotagem, propaganda e resistência em um único corpo para trabalhar no exterior de forma reconhecida. Surgiu assim o SOE como consequência da vontade de Winston Churchill em “incendiar a Europa”. Criada por Neville Chamberlain e Hugh Dalton, *Minister for Economic Warfare* (Ministro da Economia de Guerra), e liderada pelo diretor executivo Colin Gubbins, cujo codinome era “M”, mas que subordinado ao Ministro da Economia de Guerra que até 1942 era Dalton quando foi substituído pelo conde de Selborne. Como Dalton reportou ao secretário dos Negócios Estrangeiros, Lord Halifax, em 2 de julho:

O MITO DO ESPÃO: A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NA EXPERIÊNCIA DE GUERRA (1939-1945)

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

O que é necessário é uma nova organização para coordenar, inspirar, controlar e assistir aos cidadãos dos países que se oprimidos devem ser participantes diretos. Precisamos de sigilo absoluto, um certo entusiasmo fanático, vontade de trabalhar com pessoas de diferentes nacionalidades, confiabilidade política completa. (Tradução nossa)^X.

Já nos EUA, um órgão com tais funções de inteligência criado pela Casa Branca surgiu em 1941, chamado *Co-ordinator of Information* (Coordenação de Informação ou COI). Contudo, assim como na Grã-Bretanha, já havia outros órgãos de inteligência, como o *Office of Naval Intelligence* e o *War Department*, que tinha o *Military Intelligence Division*, também conhecido como G2; e o FBI, encarregado de agir na contraespionagem (segurança interna) e na América Latina a partir de 1940. Mas, não havia análises de inteligência centralizadas ou coordenadas^{XI}. Liderado pelo milionário William Joseph Donovan, a COI tinha o objetivo de coletar e analisar informações pertencentes à segurança nacional e foi o predecessor do OSS.

Da mesma forma que o SOE, esta agência surgiu em meio a crises. Antes dos Estados Unidos entrarem na guerra em 1941, o presidente Franklin Roosevelt tentou se preparar para um possível conflito, pois a ameaça do Eixo era iminente. Foi nesta ocasião que ele percebeu que seu sistema de inteligência era ineficiente. Segundo Waldo Heinrichs, os estadunidenses não possuíam informações para montar uma estratégia adequada na preparação para a guerra^{XII}. Com a mudança de nome para *Office of Strategic Services* ou OSS, após a entrada do país no conflito (1941), essa agência passou a agir na guerra clandestina; nos setores de pesquisas e análises; em ações de espionagem; em operações especiais; em inteligência secreta e em Grupos Operacionais, portanto, empreendimentos semelhantes ao SOE.

Deste modo, podemos perceber que as duas agências nasceram de forma semelhante. Surgiram em países que já mantinham alguns serviços de espionagem e inteligência, mas que diante de crises seus políticos perceberam a necessidade de concentrar suas atividades em um órgão que pudesse agir no exterior com maior excelência. Desta forma, o SOE e o OSS procuraram criar e fortalecer movimentos de resistência em países ocupados através de agentes secretos que empreendiam suas ações por meio de sabotagem e propaganda.

Seus escritórios e centros de treinamento de agentes se espalharam por diversos países. O SOE, por exemplo, esteve presente, além da Inglaterra, na Escócia e no Egito^{XIII}. O OSS, quando ainda era COI já mantinha escritórios em Nova York e em Londres. Ou seja, podemos observar que SOE e OSS mantinham lugares de trabalho em comum, o que evidencia a relação entre ambas as agências. Tal ligação chegou ao ponto dos agentes britânicos prepararem os americanos em um centro de treinamento no Canadá. Isso nos leva a questionar como o modelo americano foi baseado no britânico.

Ambos os serviços secretos chegaram a empregar milhares de funcionários entre planejadores, agentes, pesquisadores, treinadores, pessoal do administrativo, entre outros. O SOE chegou a cerca de 13.000 pessoas em 1944. Já o OSS possuía 24.000 funcionários com uma variedade de profissões, entre eles “soldados, atores, historiadores, advogados, atletas, professores, repórteres. Mas por vários anos durante a II Guerra Mundial, eles eram conhecidos simplesmente como os OSS”^{XIV}. Inclusive havia algumas personalidades famosas, como o historiador Arthur Schlesinger Jr., o ator

O MITO DO ESPÍÃO: A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NA EXPERIÊNCIA DE GUERRA (1939-1945)

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

Sterling Hayden e os filhos do Presidente Theodore Roosevelt, Quentin e Kermit Roosevelt.

A informação de que na Noruega estava sendo produzida água pesada para a produção de uma possível bomba atômica alemã e os planos para evitar que isto ocorresse, bem como o isolamento da Bretanha em pleno desembarque da Normandia, evitando a chegada de reforços alemães, mostram o papel desempenhado pelo OSS e pelo SOE^{XV}. A utilização de suas ações em atividades de inteligência e de sabotagem foi estratégica e pensada como parte fundamental da vitória final dos Aliados.

Neste cenário, o *Special Operations Executive* e o *Office Of Strategic Services* empreenderam serviços de inteligência, sabotagem e propaganda em países ocupados pelo Eixo. Para isto, criaram manuais que deveriam cumprir a função de material didático aos agentes secretos para o planejamento de operações reais em serviços de inteligência. Era a estes espiões que as obras deveriam capacitar para que ações de espionagem, sabotagem e propaganda fossem realizadas em território inimigo. Eles deveriam ensinar estas técnicas à população local para formar a resistência. Ou seja, estes materiais eram produzidos com propósitos administrativos internos ou como literatura de treinamento e não tinham como objetivo o grande público^{XVI}.

Essa necessidade de produzir suportes didáticos para os agentes em formação ajudaria a evitar coisas como, por exemplo, o uso de documentação incompleta ou de um tipo de vestimenta inadequado ao local, conforme explicava o livreto *Manual of Disguise* (Manual de Disfarce,) de 1944. Ou conforme o *Sten Gun Manual* (Manual da Sten Gun), também de 1944, que orientava sobre o uso da metralhadora mais comum entre os membros da resistência, capaz de 550 disparos por minuto. Podemos mencionar também os manuais, assim como os *lealefts* (folhetos), que orientavam sobre como produzir *poison pen letters* (falsos documentos), como difundir rumores, como criar uma *black radio* (emissão radiofônica pirata), entre outros.

O espião entre sabotagem e guerrilha

A forma utilizada por ambas as agências para criar movimentos de resistência incluiu também ensinar a população local atividades de sabotagem e guerrilha. Para isto recriaram manuais dentre os quais se destacaram: o *Partisan Leader's Handbook* (Manual do Líder Guerrilheiro) e o *Simple Sabotage Field Manual* (Manual de Campo de Simples Sabotagem). O primeiro foi compilado pelo Major Colin Gubbins, da Inteligência Militar inglesa. O manual foi o ponto de partida das operações secretas britânicas na II Guerra. Trata-se de um documento sigiloso, mas que circulou o mundo e que foi traduzido em diversas línguas (francês, holandês, polonês, norueguês, chinês etc), cujo objetivo era apresentar o *modus operandi* de guerrilha na guerra; assediar o inimigo por qualquer meio; cortar as comunicações inimigas; mobilizar e dar suporte à população local e agir somente quando houvesse certeza do sucesso. Conforme o próprio manual:

Lembre-se que seu objetivo é atrapalhar o inimigo de toda forma possível, de modo a tornar mais difícil para seus exércitos lutarem nos principais *fronts*. Você pode fazer isso danificando suas comunicações ferroviárias e

O MITO DO ESPÃO: A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NA EXPERIÊNCIA DE GUERRA (1939-1945)

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

rodoviárias, seus telégrafos e sistema postal, destruindo pequenas partes do inimigo (Tradução Nossa).^{XVII}

O segundo foi um dos mais conhecidos e utilizados manuais. Tinha como objetivo instruir sobre como seria possível ao cidadão comum colaborar com os Aliados. A chamada “sabotagem simples” era abordada como importante para atrapalhar a rotina das forças de ocupação e, ao mesmo tempo, alimentar a confiança da população em uma vitória breve dos Aliados. A obra foi feita considerando-se que os alemães utilizaram trabalho estrangeiro em larga escala, se tornando até dependentes disto e submeteram os trabalhadores a condições sub-humanas. Assim, estes mesmos trabalhadores eram pessoas com motivos e oportunidades para empreender ações que aparentemente dificultavam o cotidiano dos exércitos inimigo. Esse documento também era confidencial, nas palavras do William Donovan: “O conteúdo deste Manual deve ser cuidadosamente controlado e não deve ser autorizado a chegar a mãos não autorizadas” (Tradução nossa)^{XVIII}.

Portanto, a resistência, no caso da Segunda Guerra, recebeu amparo dos manuais, panfletos e livretos produzidos pelo OSS e pelo SOE e ensinados pelos espiões. Para Carl Clausewitz, a resistência cumpre papel central numa guerra. A defesa de um território tem na resistência um fator importante, pois dela podem depender informações vitais: “é a informação (...) como aquelas que tocam inúmeras pequenas incertezas ligadas ao serviço cotidiano de um exército, e relativamente às quais o entendimento com os habitantes dá aos defensores uma vantagem de ordem geral”^{XIX}. O mesmo autor ainda afirma, “a influência total dos habitantes de um país sobre a guerra está, no entanto, longe de ser insignificante, mesmo se não se produz verdadeira sublevação geral do povo”^{XX}.

Sendo assim, o objetivo dos manuais era também possibilitar que estas ações de resistência fossem empreendidas por pessoas comuns. No *Simple Sabotage Field Manual* afirma-se: “Para inúmeras simples ações as quais o indivíduo cidadão-sabotador comum pode realizar” (Tradução nossa)^{XXI}. Esses sabotadores poderiam ser divididos em dois tipos. Um era aquele que não era tecnicamente treinado e empregado, necessitando, assim, de sugestões específicas. O outro era o técnico que poderia criar situações para sabotagem, por exemplo, um torneiro mecânico ou um mecânico de automóveis. Portanto, eram pessoas que agiam em suas atividades cotidianas, principalmente em seus trabalhos. Não por acaso tratavam-se de “simples sabotagens”.

Para encorajá-las a empreender estas atividades, os agentes deveriam antecipar ganhos pessoais futuros com transformações consistentes em suas vidas com uma eventual libertação, como mudança de governo local, abolições de restrições ou a chegada de mantimentos. Também fazê-los se sentir membro de algo maior, até chegar ao ponto de adquirir senso de responsabilidade e repassar seus conhecimentos a outros sabotadores. Até mesmo fazê-los se identificar com o esforço de guerra americano e a ajudar abertamente os Aliados no período de invasão e ocupação^{XXII}.

Nas ações de sabotagem do *Partisan Leader's Handbook* o foco eram homens especializados: “Ações individuais de sabotagem, de sentinelas *sniping* etc, pelas quais homens podem ser especialmente selecionados para trabalhar individualmente em certas áreas” (Tradução nossa)^{XXIII}. Também utilizavam da população local para dar suporte em ações militares de forma a não serem pegos de surpresa em ações inimigas. Assim, os envolvidos repassariam informações sobre o inimigo, suas forças, seus movimentos e

O MITO DO ESPÃO: A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NA EXPERIÊNCIA DE GUERRA (1939-1945)

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

ajudariam a esconder os compatriotas que faziam parte da guerra de guerrilha. Mulheres e crianças também eram utilizadas por gerarem menos suspeitas. Todavia, segundo Max Hastings, os guerrilheiros russos e iugoslavos foram os únicos a empregar mulheres no combate direto^{XXIV}. Enviadas pelas SOE, as mulheres desempenhavam funções administrativas e de apoio para as Forças Armadas em territórios ocupados.

Para obter tal suporte da população era preciso não ofendê-los e encorajar seu patriotismo e o ódio ao inimigo. O próprio manual afirma que era preciso convencê-los que a ocupação era temporária e que aqueles que ajudassem na expulsão seriam recompensados, ao contrário daqueles que se favorecessem o inimigo seriam punidos. “Lembre-se que tudo que você pode fazer desta maneira está ajudando a ganhar a liberdade novamente para o seu povo” (Tradução Nossa)^{XXV}. Ou seja, o documento tentava convencer que lutar ao lado dos britânicos traria a liberdade como prêmio.

Isso nos leva a pensar nas várias formas de agir politicamente. Não apenas o agir político de personalidades famosas do governo, das forças armadas ou ainda de aparatos burocráticos. Mas, na perspectiva da Nova História Política, que não trata-se de uma abordagem elitizada e factual como se fazia no século XIX, e sim uma história voltada para a sociedade. Nesta perspectiva a política transita de um campo a outro de forma dinâmica e flexível. Ela pode estar presente nas mídias, nas guerras, nas eleições, nos partidos, entre outros. Segundo René Rémond, “o político não tem fronteiras naturais. Ora ele se dilata até incluir toda e qualquer realidade e absorver a esfera do privado (...). Ora ele se retrai ao extremo”^{XXVI}. Desta forma, “certas situações ampliam o campo do político” (Ibidem, p. 443), fazendo com que não tenha fronteiras e obtenha uma definição abstrata.

Ainda conforme Rémond, essa definição do político

Mais constante é pela referência ao poder: assim, a política é a atividade que se relaciona com a conquista. (...) Mas só é política a relação ao poder na sociedade global: aquela que constitui a totalidade dos indivíduos que habitam um espaço delimitado por fronteiras que chamamos precisamente de políticas. Na experiência ocidental, ela se confunde com a nação e tem como instrumento e símbolo o Estado^{XXVII}.

Neste campo historiográfico é percebida uma política além do Estado. Isso indica que há uma perspectiva global. Ela está presente em diferentes segmentos da sociedade que não sejam necessariamente o Estado.

Esta abordagem pode ser observada nos manuais de guerrilha e sabotagem do SOE e OSS. Suas ações estavam voltadas para o cotidiano dos exércitos de forma que atrapalhassem seu funcionamento, dispersassem forças e obtivessem informações. Pretendiam diminuir seu poder. Exemplos de alvos que podem ser encontrados em ambos os manuais são: estradas, ferrovias, pontes, meios de comunicações (telégrafos, correios, telefone, rádios etc), meios de transportes, suprimentos de comida, combustível e munições.

Contudo, o *Simple Sabotage Field Manual* procurava ser mais detalhista nas oportunidades do cotidiano. Ou seja, o OSS ampliou os alvos de sabotagem além dos já citados, como: produção industrial, metais de produção, extração mineral, agricultura, transportes aquáticos, energia elétrica, interferências em organizações e produções (conferências, escritórios, gerências, supervisões etc) e formas de afetar a moral e criar

O MITO DO ESPÃO: A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NA EXPERIÊNCIA DE GUERRA (1939-1945)

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

confusões. A obra inclusive afirmava: “As metas de sua sabotagem são geralmente objetos aos quais ele tem acesso normal e discreto na vida cotidiana” (Tradução nossa).^{XXVIII}. Eram exemplos de armas para sabotagem: sal, pregos, velas, fios, água etc.

Outro diferencial é que este documento do OSS procurava explicar o passo-a-passo de como realizar sabotagem. Por seu turno, *Partisan Leader's Handbook* era mais tático e estratégico nas formas de atacar, justamente por ser voltado para a guerrilha. Se o primeiro, por exemplo, ensinava a colocar grãos duros, como arroz ou trigo em tanques de gasolina,^{XXIX} o segundo ensinava como melhor posicionar atiradores em emboscadas de ferrovias^{XXX}.

Apesar das diferenças, ambos os manuais tinham como propósito enfraquecer o inimigo através de pessoas que não estavam nas forças armadas. Eram pessoas comuns que deveriam lutar no cotidiano com o objetivo de derrotar as forças do Eixo. Sendo assim, a ação política de um cidadão ordinário passava pela ideia de que tais sabotadores e guerrilheiros empreendessem essas ações a favor dos Aliados. Claro que não podemos esquecer que havia também as motivações individuais, não somente coletivas. Para que o conteúdo destes documentos juntamente com sua política chegasse a essas pessoas foram utilizados agentes secretos encarregados de treinar e transmitir a mensagem para convencê-los. Estes também agiam conforme interesses políticos, neste caso das agências de espionagem a serviço dos respectivos governos.

Isso nos leva a pensar em uma cultura política. Tentava-se motivar essas pessoas a adotar esse comportamento. Conforme Serge Berstein, na cultura política há elementos de um determinado grupo com representações, normas, valores, leituras da realidade, certas percepções do passado e perspectivas de um futuro^{XXXI}. Estes códigos pertencem a um conjunto social. A cultura política é abstrata e pode flutuar entre diversos grupos de culturas diferentes. Sendo que as características que se fazem mais presentes são da cultura política dominante.

O surgimento de uma cultura política é um processo lento e de longa duração. Até se tornar presente e estruturada na sociedade são necessários em alguns casos até mesmo séculos. Isso porque elas surgem ousadas e inovadoras. Sendo necessários mecanismos que façam ela se tornar presente e legitimada entre os indivíduos, como a família, a escola e os meios de comunicação, por exemplo. Para se firmar também é necessário se adequar à organização social para criar ideias e mecanismos que possam estar em conformidade com as necessidades da sociedade. Para isto, cada cultura política sofre influências de outras, assim como também as influencia.

Ainda segundo Berstein:

A acção é variada, por vezes contraditória, é a composição de influências diversas que acaba por dar ao homem uma cultura política, a qual é mais uma resultante do que uma mensagem unívoca. Esta adquire-se no seio do clima cultural em que mergulha cada indivíduos pela difusão de temas, de modelos, de normas, de modos de raciocínio que, com a repetição, acabam por ser interiorizados e que o tornam sensível à recepção de ideias ou à adopção de comportamentos convenientes^{XXXII}.

Adotando esta abordagem podemos nos questionar se as agências de espionagem procuravam transmitir sua cultura política à população dos países ocupados para angariar aliados na guerra. Ou seja, através de espões e manuais estariam o SOE e o

O MITO DO ESPÃO: A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NA EXPERIÊNCIA DE GUERRA (1939-1945)

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

OSS tentando legitimar sua percepção política da realidade aos movimentos de resistência para enfraquecer o Eixo? Sendo assim, eles teriam que se adequar à organização social do território ocupado ao tentarem apresentar os benefícios da vitória dos Aliados na guerra. Como fariam isso?

Segundo Max Hastings, grupos de resistência eram raramente homogêneos em seus motivos, composição e eficácia. Para este autor alguns agiam com boa-fé, mas outros eram desertores com medo de serem deportados ou motivados pelos desejos de aventura ou ainda uma queda para o banditismo. Assim, agiam com brutalidade considerável, chegando alguns a praticar torturas sistemáticas de colaboradores e prisioneiros. Ainda conforme Hastings, uma pequena minoria apoiava a resistência dado o preço alto de possíveis represálias^{xxxiii}. Isso nos faz pensar, até que ponto os manuais e espões atingiram seus objetivos? Quais tipos de práticas eram executadas? E quais seus resultados?

O espão como soldado-cidadão

Esse espão que procurava transmitir informações ou incentivar movimentos de resistência a serviço destas agências de inteligência cumpria um papel de soldado-cidadão. Eram pessoas que antes da guerra eram cidadãos comuns com diversas profissões, mas que diante do contexto de conflito passaram a servir ao Estado no esforço de guerra. Não estavam no *front* de batalha, mas agiam para auxiliar as Forças Armadas. Se passavam por pessoas comuns, não utilizavam uniformes, não possuíam patentes, porém, em sua vida secreta trabalhavam para agências de espionagem que foram importantes na elaboração de estratégias no teatro de operações.

Contudo, temos que ter atenção a certas limitações no trabalho destes espões. Não podemos pensar a realidade como a ficção do *007* e nem romantizá-la. Segundo John Keegan, os interceptadores de mensagens codificadas tiveram um efeito prático maior que os espões. Para o autor, a imaginação popular desprezou as limitações de trabalho dos verdadeiros agentes secretos^{xxxiv}. Pois, estes espões tinham acesso apenas às informações fragmentadas, que deveriam ser registradas de maneira compreensível e transmitidas por rádios. Todavia, tal trabalho era perigoso, muitos agentes foram traídos ou tiveram suas mensagens interceptadas pela contraespionagem alemã. Quando capturados, eram presos ou até mortos.

Por outro lado, podemos pensar o caso de Aline, Condessa de Romanones. Ela foi agente do Serviço de Inteligência da OSS em Madri e seu escritório funcionou entre janeiro de 1944 a agosto de 1945, com um nome fictício de "*American Oil Mission*". Os seus objetivos eram enganar estrategicamente os alemães sobre as áreas de pouso para a Operação Anvil, um desembarque Aliado no sul da França; produção de relatórios de ordem militar e inteligência industrial da máquina de guerra alemã; contra espionagem em operações secretas alemãs executadas através da Espanha e monitorar a canalização de obras de artes e outros itens valiosos da Europa para refúgios seguros na América Latina.

Antes de se instalar em Madri, Aline passou por um recrutamento e treinamento em Farm, próximo a Washington, juntamente com homens e mulheres de diferentes nacionalidades e idades. Em seu relato ela afirma que antes de ser recrutada toda a sua vida foi investigada e chegando lá recebeu palestras e treinamentos de como manter sigilo do serviço e de sua identidade, uso de armas, defesa pessoal, detalhes geográficos

O MITO DO ESPÃO: A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NA EXPERIÊNCIA DE GUERRA (1939-1945)

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

da Europa, código Morse, codificação, truques de memória, vigilância, organização de redes, recrutamento de agentes etc. Ao chegar à Espanha trabalhou com codificações, formação de redes de agentes, recrutamento de mulheres para trabalhar disfarçadas, descobertas de agentes duplos, inteligência e contra inteligência. Além de sabotagens empreendidas por movimentos de resistência. Todavia, muitas informações foram perdidas ou mal processadas e alguns agentes chegaram a ser capturados^{XXXV}.

Independente do grau de eficácia do espião na condução da guerra, o que nos chama atenção é o seu capital político. Ou seja, uma narrativa para legitimar a continuação da guerra. Nesta narrativa a figura do espião aparece como um soldado-cidadão que se sacrificou pelo seu país, agindo clandestinamente na guerra secreta, enfrentando diversos perigos de ser capturado como traidor, podendo, inclusive, levá-lo a morte. Seria a imagem de um herói, mas sem nome e sem rosto, isto é, um herói anônimo. O espião não poderia ter sua identidade revelada, estando muitas até hoje em sigilo. Portanto, trata-se uma narrativa com o objetivo político de unidade nacional através de um ideal de mártires, heróis de guerra e sacrifício redentor para garantir a continuidade.

Conforme John Keegan,

Os principais agentes operacionais do SOE, organizadores das mais importantes redes na França ocupada, e os mais proeminentes entre os oficiais de ligação lançados de pára-quedas nas montanhas da Iugoslávia e da Grécia, foram homenageados na Segunda Guerra Mundial como equivalentes a Lawrence da Arábia, tão fascinantes quanto ele e até mesmo mais eficazes^{XXXVI}.

Tal narrativa se refletiu na Guerra Fria. Foi neste conflito que a figura do espião ganhou força no imaginário popular com os filmes do *007*, por exemplo^{XXXVII}. Ou ainda, *O Terceiro Homem* (1949), *Intriga Internacional* (1959) e *Três Dias do Condor* (1975). Isso evidencia como produções cinematográficas fazem parte da sociedade por refletirem o contexto histórico as quais estão inseridas. A película vai além de uma história de ficção, ela é fruto da sociedade que a produz e a consome. Como afirma Marc Ferro, o filme “não vale somente por aquilo que testemunha, mas também pela abordagem sócio-histórica que autoriza”^{XXXVIII}. Essa ideia aplicada nos filmes sobre espionagem nos permite observar como essas ações empreendidas durante os conflitos foram incorporadas no imaginário da sociedade através do cinema.

Durante a Segunda Guerra Mundial todo o sistema de atividades de espionagem teve seu período áureo, mas foi acentuado na Guerra Fria^{XXXIX}. Isso demonstra que a figura heroica do espião da II Guerra serviu como capital político para a espionagem na Guerra Fria que era empreendida por uma guerra secreta entre a CIA^{XL} e a KGB. Por ser um soldado que ao mesmo tempo era cidadão e anônimo, contribuiu para a construção de uma identidade nacional dos civis com estes agentes. Consequentemente, tentava-se legitimar ações de espionagem com essa narrativa heroica do espião.

Neste cenário surge o Mito da Experiência de Guerra. Em outras palavras, a narrativa mitológica da ideia de conflito. Seria a imagem romantizada do espião para criar um mito do herói de guerra. O mesmo aconteceu com os soldados ao final da Primeira Guerra Mundial, como nos mostra George Mosse no seu texto “*Two World War and the Myth of the War Experience*”. O autor compara as consequências das duas

O MITO DO ESPÃO: A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NA EXPERIÊNCIA DE GUERRA (1939-1945)

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

guerras mundiais em torno do Mito da Experiência de Guerra. Ou seja, os frutos políticos e culturais que ambos os conflitos proporcionaram nas sociedades envolvidas. Para tal, Mosse analisa o caso da Alemanha e da Inglaterra.

Segundo Mosse, ao final da Primeira Guerra Mundial foi construído pelo Estado o Mito da Experiência de Guerra que perpassava pela ideia de glória, honra e comunidade daqueles que lutaram e morreram nos campos de batalha. Era a imagem de masculinidade, virilidade e heroísmo defendida como fruto deste conflito. Entretanto, ainda conforme autor, em relação a 1945, com o final da Segunda Guerra Mundial, o sentimento não era o mesmo^{XL1}. Enquanto que em 1914 havia o entusiasmo pela luta como um ato heroico e solidário, em 1939, havia sentimentos de ódio e crueldade. A Primeira Guerra e o entre guerras “naturalizou” a violência em massa e a brutalidade. Foi no entre guerras que regimes fascistas ganharam notoriedade. Para isso se embasaram justamente no Mito da Experiência de Guerra para fortalecer o nacionalismo e a vontade de entrar em uma nova guerra motivada por esse sentimento. Enquanto que em 1914 se lutava pela nação, em 1939, além deste motivo era também, principalmente para a Alemanha nazista, por razões raciais.

O mito perpassava pela ideia de comunidade. Lutar pelo grupo e pela nação. Sendo assim, muitos monumentos foram construídos e comemorações realizadas após a I Guerra para enaltecer aqueles que sacrificaram suas vidas pelo país. Já ao fim da II Guerra foram mais valorizados os indivíduos, e não a comunidade^{XLII}. Nesta perspectiva pensamos o espião. Ele agia sozinho, ele não estava inserido em um grupo como o soldado, não havia um sentimento de camaradagem, era uma guerra secreta. Portanto, o agente secreto se encaixa na valorização dos indivíduos após 1945, destacada por George Mosse, não na de comunidade como ocorreu ao final da Primeira Guerra Mundial.

Como exemplo, temos o caso de Joachim Ronneberg. Enviado pelo *Special Operations Executive*, em 1943, ele foi o sabotador responsável pela missão que destruiu a fábrica de água pesada para a produção de bombas atômicas pelos nazistas na Noruega. Tal feito ajudou a mudar o curso da guerra. Embora a Noruega tenha dado um maior reconhecimento ao espião recentemente, com a construção de uma estátua comemorativa ao seu 95º aniversário em 2014, em outros países, principalmente na Inglaterra, este feito foi amplamente comemorado^{XLIII}. Ou ainda podemos citar o reconhecimento, em 1964, do governo soviético para com o espião como Herói da União Soviética a partir dos seus feitos na Segunda Guerra Mundial^{XLIV}. Isso evidencia a tentativa de criar um mito do herói de guerra na imagem do agente.

Essa discussão em torno da Primeira Guerra Mundial nos ajuda a observar como é construída uma narrativa em torno de um herói, o soldado, mas que pode ser aplicada ao espião. Essa é a função do mito, construir uma narrativa e, conseqüentemente, produzir uma memória com funções políticas e culturais. No caso analisado aqui, tal memória está voltada para a cultura de guerra. Silvia Adriana Correia cita Annette Becker e Audoin-Rouzeau para definir a cultura de guerra, em relação à Primeira Guerra, como “um conjunto de práticas, de representações, de atitudes, de criações dos anos de 1914-1918. E também dos anos seguintes, tanto é verdade que este tipo de história [cultural] dá um largo espaço à recordação e à comemoração do pós-guerra”^{XLV}.

Transpondo isso para nosso objeto de estudo, a memória cumpre uma função política na figura do espião. Conforme Fernando Catroga, tanto na memória como no esquecimento há uma mistura entre ficção e história, pois, não se limita a evocar o

O MITO DO ESPÃO: A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NA EXPERIÊNCIA DE GUERRA (1939-1945)

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

passado, mas a transformá-lo^{XLVI}. O presente constrói sua própria história, não somente em relação ao que aconteceu, mas também das necessidades e lutas do presente. Portanto, não devemos confundir representação com o real passado. A representação pode ou não ser referenciada. Quando maior for a dimensão coletiva e histórica da memória, maior será a margem para a sua “invenção” e para seu uso e abuso^{XLVII}.

Ainda segundo o autor, a memória possui um papel pragmático e normativo. Seu objetivo é inserir os indivíduos em cadeias de filiação identitária em nome de uma história ou de um patrimônio comum, diferenciando-os em relação a outros povos e exigindo deveres^{XLVIII}. Foi a partir da modernização, século XIX, diante das transformações sociais, culturais e simbólicas, que o ritualismo memorial ganhou sua mais pública expressão ao exigir que os indivíduos e grupos procurassem no passado sua legitimação. Estas representações estão presentes na cultura, no social e na política, em diferentes grupos e com variadas formas. A memória constrói o passado com diferentes formas de apropriação, interpretação e contestação do passado^{XLIX}.

Isso sugere que há uma seleção, a partir de interesses políticos, de valorização ou não da memória. Influenciando até mesmo como será feita e a mensagem que pretende passar. Assim, Santos Juliá nos mostra a capacidade da memória em transformar o passado em função das exigências do presente. Seriam os problemas e interesses do presente determinando o que recordamos e como os agentes do poder político e social decidem o que é lembrado e pelos quais lugares de memória^L. Desta forma, surgem alguns questionamentos: quem, como e para que recordar? Em outras palavras, a memória é uma atividade a partir de um incentivo social ou demanda social.

Tais ideias podem ser aplicadas em relação à construção da narrativa ou memória do espão. Trata-se da função do Mito da Experiência de Guerra. O contexto da Guerra Fria, perpassado pela guerra secreta empreendida pelas agências de espionagens americana e soviética, gerou a demanda social para enaltecer o agente secreto como herói de guerra, servindo, assim, essa memória para fins políticos. Para tal, o cinema ajudou a construir esse ideal no imaginário popular e a legitimar a narrativa. Portanto, necessidades do presente criaram os incentivos para “invocar” um personagem do passado e, conseqüentemente, sua memória.

Considerações finais

Diante do que foi apresentado neste texto, podemos destacar duas conclusões. A primeira é a política no cotidiano empreendida por pessoas comuns em movimentos de resistência, com o suporte do OSS e do SOE através de seus agentes secretos e os manuais de campo. Isso ocorreu a partir da tentativa das duas agências ao enviarem espões para criar e fortalecer movimentos de resistência em territórios ocupados pelo Eixo através da população local para enfraquecer o inimigo. Sendo assim, estes espões contribuíram com uma política, em uma luta entre fortes e fracos, por meio de sabotagens e guerrilhas. O objetivo era atrapalhar o dia-a-dia das tropas inimigas.

A segunda conclusão está relacionada ao Mito da Experiência de Guerra na construção de uma narrativa em torno da figura do espão. Este sujeito ganhou ao final da II Guerra uma representação como herói. Isso foi utilizado para legitimar a guerra secreta entre a CIA e a KGB durante a Guerra Fria. Tal discurso ganhou força com filmes de agentes secretos que se tornaram sucesso de bilheteria e “encantaram” o

O MITO DO ESPÍÃO: A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NA EXPERIÊNCIA DE GUERRA (1939-1945)

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

imaginário popular. Portanto, o agente secreto, assim como o soldado ao final da Primeira Guerra, se tornou um mito utilizado no processo de formação de memórias para fins políticos e culturais, isto é, de uma cultura de guerra.

Notas

^I Trabalho apoiado pelo projeto “Quando a Guerra chegou ao Brasil: Ataques submarinos e memórias nos mares de Sergipe e Bahia (1942-1945)”, Edital Universal CNPq 2014.

^{II} Mestranda em História Comparada pela UFRJ. Integrante do Grupo de Estudo do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). Bolsista CAPES. Email: raquel@getempo.org. **Orientador: Dr. Dilton Cândido S. Maynard (PPGHC/UFRJ-UFS/DHI).**

^{III} KEEGAN, John. **Inteligência na Guerra: Conhecimento do inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda.** Trad.: S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

^{IV} HORN, Eva. **Knowing the Enemy: The Epistemology of Secret Intelligence.** Translation from the German by Sara Ogger. Published in Grey Room 11, May 2003, p. 06.

^V WOLOSYN, André Luís. **Guerra nas Sombras: Os bastidores dos serviços secretos internacionais.** São Paulo: Contexto, 2013, p. 136-7.

^{VI} Idem.

^{VII} TZU, Sun. **A Arte da Guerra.** Tradução para o português por Neury Lima. São Paulo: Novo Século, 2014, p. 152.

^{VIII} BULL, Stephen. Introduction. In: **The Secret Agent's: pocket manual (1939-1945).** London: Conway, 2013, p. 09.

^{IX} Falamos aqui da evacuação dos soldados ingleses na cidade francesa de Dunquerque em 1940 mediante a ocupação nazista. Cf.: HASTINGS, Max. *Inferno: o mundo entre guerra 1939-1945.* Trad.: Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

^X “What is needed is a new organisation to co-ordinate, inspire, control and assist the nationals of the oppressed countries who must themselves be direct participants. We need absolute secrecy, a certain fanatical enthusiasm, willingness to work with people of different nationalities, complete political reliability” (BULL, 2013, p.12).

^{XI} BRAGER, Bruce L. “The Office of Strategic Services”. In: **Military History Online.** 2006.

^{XII} HEINRICHS, Waldo. The United States Prepares For war. In: CHALOU, George C. (org). **The Secrets war: the Office of Strategic Services in World War II.** United States: National Archives and Records Administration. Proceedings of a conference sponsored by and held at the National Archives in Washington, D.C., July 11-12, 1991, p. 08-9.

^{XIII} BULL, Stephen. Introduction. In: **The Secret Agent's: pocket manual (1939-1945).** London: Conway, 2013, p. 13.

^{XIV} TIMES, New York. “24,000 WWII-era spies revealed in U.S. documents”. In: **The New York Times.** 2008.

^{XV} WILLMOT, H.P. **Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 228.

^{XVI} BULL, Stephen. Introduction. In: **The Secret Agent's: pocket manual (1939-1945).** London: Conway, 2013, p. 22.

^{XVII} “Remember that your object is to embarrass the enemy in every possible way so as to make it more difficult for his armies to fight on the main fronts. You can do this by damaging his rail and road communications, his telegraph and postal system, by destroying small parties of the enemy” (Partisan Leader's Handbook. 1939, p. 27).

^{XVIII} “The contents of this Manual should be carefully controlled and should not be allowed to come into unauthorized hands” (Simple Sabotage Field Manual, 1944, p. 95)

^{XIX} CLAUSEWITZ, Carl. **Da Guerra.** São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 493.

^{XX} Ibidem, p. 493

O MITO DO ESPÃO: A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NA EXPERIÊNCIA DE GUERRA (1939-1945)

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

- XXI “To innumerable simple acts which the ordinary individual citizen-saboteur can perform” (Simple Sabotage Field Manual, 1944, p. 96).
- XXII Simple Sabotage Field Manual, 1944, p. 97.
- XXIII “Individual acts of sabotage, of sniping sentries, etc, for which men can be specially selected to work individually” (Partisan Leader’s Handbook. 1939, p. 28).
- XXIV HASTINGS, Max. **Inferno: o mundo entre guerra 1939-1945**. Trad.: Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012, p. 377.
- XXV “Remember that everything you can do in this way is helping to win freedom again for your people” (Partisan Leader’s Handbook. 1939, p. 27).
- XXVI RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 442.
- XXVII Ibidem, p. 444.
- XXVIII “The targets of his sabotage are usually objects to which he has normal and inconspicuous access in everyday life” (Simple Sabotage Field Manual, 1944, p. 96)
- XXIX Simple Sabotage Field Manual, 1944, p. 109.
- XXX Partisan Leader’s Handbook. 1939, p. 40.
- XXXI BERSTEIN, Serge. “A cultura política”. In: RIOUX, Jean-Pierre, SIRINELLI, Jean-François (Orgs). *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 353.
- XXXII Ibidem, p. 357.
- XXXIII HASTINGS, Max. **Inferno: o mundo entre guerra 1939-1945**. Trad.: Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012, p. 426.
- XXXIV KEEGAN, John. **Inteligência na Guerra: Conhecimento do inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda**. Trad.: S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 310-11.
- XXXV Aline, Countess of Romanones. The OSS in Spain during World War II. In: CHALOU, George C. (org). **The Secrets war: the Office of Strategic Services in World War II**. United States: National Archives and Records Administration. Proceedings of a conference sponsored by and held at the National Archives in Washington, D.C., July 11-12, 1991, p.123-6.
- XXXVI KEEGAN, John. **Inteligência na Guerra: Conhecimento do inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda**. Trad.: S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 405.
- XXXVII Alguns filmes da série foram sucesso de bilheteria. Entre os anos da Guerra Fria destacamos: "007 contra a chantagem atômica" (1965) com quase US\$ 1 bilhão; "007 contra Goldfinger" (1964) com cerca de US\$ 868 milhões e "Com 007 só se vive duas vezes" (1967) com aproximadamente US\$ 785 milhões (nas inflações de 2012). Cf.: <http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2012/10/franquia-james-bond-e-sinonimo-de-sucesso-veja-maiores-bilheterias.html>.
- XXXVIII FERRO, Marc. **Cinema e História**. Trad.: Flávia Nascimento. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p. 32.
- XXXIX WOLOSYN, André Luís. **Guerra nas Sombras: Os bastidores dos serviços secretos internacionais**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 09-10.
- XL Sobre diferentes operações da CIA durante a Guerra Fria até o Século XXI Cf.: WEINER, Tim. **Legado de cinzas: uma história da CIA**. Trad Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- XLI MOSSE, George. “Two World Wars and the Myth of the War Experience”. In: **Journal of Contemporary History** 21, no. 4 (1986): 491-513.
- XLII Idem.
- XLIII HIGGINS, Andrew. WWII Hero Credits Luck and Chance in Foiling Hitler’s Nuclear Ambitions. In: **New York Times**, 2015.
- XLIV WIGHT, Martin. **A política do poder**. Brasília: UnB, 2002, p. 114.
- XLV CORREIA, Sílvia. Cem anos de historiografia da Primeira Guerra Mundial: entre história transnacional e política nacional. In: **Topoi** 15, n. 29 (2014), p. 654.
- XLVI CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia. Coimbra**, Quarteto, 2001, p. 21.
- XLVII Ibidem, p. 23.
- XLVIII Ibidem, p. 26.
- XLIX CONFINO, Alon. Collective Memory and Cultural History: Problems of Method. In: **American Historical Review** 102, 5 (1997), p. 1386-1403.
- L JULIA, Santos. **Por la autonomía de la historia. Claves de razón práctica**, 207. Consultado: 01/07/2013. Disponível em: http://www.essayandscience.com/upload/ficheros/noticias/201105/julia_2_2.pdf, p. 08-19.

O MITO DO ESPÍÃO: A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NA EXPERIÊNCIA DE GUERRA (1939-1945)

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

Fontes

Aline, Countess of Romanones. The OSS in Spain during World War II. In: In: CHALOU, George C. (org). **The Secrets war: the Office of Strategic Services in World War II**. United States: National Archives and Records Administration. Proceedings of a conference sponsored by and held at the National Archives in Washington, D.C., July 11-12, 1991, p.122-8.

BRITISH MILITARY INTELLIGENCE, **The Partisan Leader's Handbook**, 1939.

OFFICE OF STRATEGIC SERVICES, **Manual of Disguise**, 1944.

OFFICE OF STRATEGIC SERVICES, **Simple Sabotage Field Manual**, 1944.

THE WAR OFFICE, **Sten Gun Manual**, 1944.

Referências Bibliográficas

BERSTEIN, Serge. "A cultura política". In: RIOUX, Jean-Pierre, SIRINELLI, Jean-François (Orgs). **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

BLOCH, Marc. **A estranha derrota**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BRAGER, Bruce L. "The Office of Strategic Services". In: **Military History Online**. 2006.

BULL, Stephen. Introduction. In: **The Secret Agent's: pocket manual (1939-1945)**. London: Conway, 2013, p. 6-24.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra, Quarteto, 2001.

CLAUSEWITZ, Carl. **Da Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CONFINO, Alon. Collective Memory and Cultural History: Problems of Method. In: **American Historical Review** 102, 5 (1997), p. 1386-1403.

CORREIA, Sílvia. Cem anos de historiografia da Primeira Guerra Mundial: entre história transnacional e política nacional. In: **Topoi** 15, n. 29 (2014), p. 650-673.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Trad.: Flávia Nascimento. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p. 32.

HASTINGS, Max. **Inferno: o mundo entre guerra 1939-1945**. Trad.: Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

O MITO DO ESPÍÃO: A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NA EXPERIÊNCIA DE GUERRA (1939-1945)

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

HEINRICHS, Waldo. The United States Prepares For war. In: CHALOU, George C. (org). **The Secrets war: the Office of Strategic Services in World War II.** United States: National Archives and Records Administration. Proceedings of a conference sponsored by and held at the National Archives in Washington, D.C., July 11-12, 1991, p. 08-18.

HIGGINS, Andrew. WWII Hero Credits Luck and Chance in Foiling Hitler's Nuclear Ambitions. In: **New York Times**, 2015.

HORN, Eva. **Knowing the Enemy: The Epistemology of Secret Intelligence.** Translation from the German by Sara Ogger. Published in Grey Room 11, May 2003.

JULIA, Santos. **Por la autonomia de la história. Claves de razón práctica**, 207. Consultado: 01/07/2013. Disponível em: http://www.essayandscience.com/upload/ficheros/noticias/201105/julia_2_2.pdf.

KEEGAN, John. **Inteligência na Guerra: Conhecimento do inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda.** Trad.: S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MOSSE, George. "Two World Wars and the Myth of the War Experience". In: **Journal of Contemporary History** 21, no. 4 (1986): 491-513.

PROST, Antoine. The Impact of War on French and German Political Cultures. In: **The Historical Journal** 37, no. 1 (1994), p. 209-217.

RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política.** 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SEIXLACK, Flávio. Franquia James Bond é sinônimo de sucesso; veja maiores bilheterias. In: **G1.** São Paulo: Globo, 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2012/10/franquia-james-bond-e-sinonimo-de-sucesso-veja-maiores-bilheterias.html>. Último acesso em: 08/08/2016 às 15:05h.

TIMES, New York. "24,000 WWII-era spies revealed in U.S. documents". In: **The New York Times**. 2008

TZU, Sun. **A Arte da Guerra.** Tradução para o português por Neury Lima. São Paulo: Novo Século, 2014.

WEINER, Tim. **Legado de cinzas: uma história da CIA.** Trad Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Record, 2008

WIGHT, Martin. **A política do poder.** Brasília: UnB, 2002.

WILLMOT, H.P. **Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

WOLOSYN, André Luís. **Guerra nas Sombras: Os bastidores dos serviços secretos internacionais.** São Paulo: Contexto, 2013.